

MISE EN ABYME: “A QUE SERÁ QUE SE DESTINA?”¹

A equipe editorial da revista *Falas Breves* tem a satisfação de apresentar este 13º volume, em comemoração aos seus 10 anos de existência, com um dossiê dedicado ao estudo da *mise en abyme* e seus desdobramentos.

Quando nos referimos ao conceito de *mise en abyme*, seja no cotidiano ou mesmo no contexto acadêmico, inevitavelmente são evocadas as figuras das emblemáticas embalagens publicitárias em “efeito droste”, tais como a do chocolate em pó holandês, de 1904, ou ainda no caso brasileiro, a da famosa lata de fermento em pó *Royal*. Nessas embalagens, as figuras vão se repetindo a partir de si mesmas, em versões cada vez menores, até a indistinção ou ao infinito. Tal dinâmica tende a acentuar impressões vertiginosas de reflexo ou espelhamento. Como parte integrante do imaginário popular, estas imagens nos familiarizam com a *mise en abyme*, devemos aqui concordar. No entanto, por meio de um olhar mais atento, sabemos que elas banalizam e estão longe de abarcar a potencialidade da matéria, eminentemente mais complexa.

É sob os auspícios desta última constatação que gostaríamos de propor a realização deste volume de *Falas Breves* dedicado ao estudo da *mise en abyme* e à riqueza de um conceito que questiona diferentes modos de expressão e diferentes dimensões de seu significado.

Certo é que localizado nos estudos de intertextualidade, o fenômeno da *mise en abyme* pauta-se no trabalho de resgate de textos de um mesmo autor, reescrevendo-se em outro texto, no movimento de remissão à própria obra, dando origem à chamada autotextualidade ou intratextualidade.

Embora a fortuna crítica atual enverede por diferentes caminhos, pode-se dizer que o estudo publicado em 1977, *Le récit spéculaire*, do suíço Lucien Dallenbach constitui, até o momento, a pesquisa incontornável e de maior fôlego sobre o assunto. Nela, o teórico lança mão de um ensaio diacrônico, que permite colocar em evidência a evolução do tema, dos anos 50 aos anos 70 do século XX. Trata-se de um trabalho sistemático e operatório, dividido em três partes, compreendendo respectivamente a gênese, a tipologia da narrativa especular e o estudo diacrônico das narrativas do *nouveau roman* francês, os quais elucidam a questão.

¹ Referência à canção *Cajuína*, de Caetano Veloso, presente no álbum *Cinema Transcendental*, lançado em 1979.

Não é demais lembrarmos que a presença da *mise en abyme* é identificada desde os primórdios da história literária. Para ficarmos somente no terreno da tradição, podemos evocar, por exemplo, as obras poéticas de Homero, no canto XIV da *Odisseia*, quando a narrativa interna que reflete a história moldura do poema, nos mostra Odisseu construindo com maestria sua própria narrativa. Ou ainda no canto VI da *Iliada*, no momento em que a poesia encontra-se consigo mesma, revelando o traço autorreferente no diálogo antecipatório de Helena com Heitor: “Sobre nós fez Zeus abater um destino doloroso, para que no futuro/sejamos tema de canto para homens ainda por nascer” (HOMERO, 2007, p. 357-358).

Os artifícios utilizados para a efetivação da *mise en abyme* revelam em detalhes uma variedade de modelos reduzidos da própria história. O campo semântico de uma sequência narrativa pode ser comprimido ou dilatado, permitindo a duplicação através da conversão para outra escala. A ficção é assim entendida como o resultado dos efeitos integrados da história e de seus duplos.

O campo da Teoria da Literatura tem apontado para a necessidade de reavaliar a importância dos estudos sobre a *mise en abyme*, priorizando os aspectos discursivos. Assim, de acordo com os estudos mais recentes, não existe uma *mise en abyme* em estado “puro”, uma vez que indicaria a auto-aniquilação da própria obra que a produz, paradoxalmente reduzida a um único abismo. Não obstante, o corolário aqui estabelecido depreende-se dos componentes “impuros” da *mise en abyme*, para além do simples encaixe.

A *mise en abyme* é, portanto, uma parte de um discurso que reflete o significado de todo o discurso e que compartilha com ele certo número de qualidades importantes para a sua compreensão. Nesse sentido, ela isola certas qualidades de um discurso mais amplo e as destaca pelo menor espaço que lhes oferece. É necessariamente uma imagem condensada de todo o discurso; ela permite uma melhor compressão do sentido global da obra, daí o seu aspecto revelador.

Desse modo, o presente dossiê reúne trabalhos que discutem a *mise en abyme* como linha de força das obras abordadas, seja por meio da análise da construção narrativa ou das diferentes linguagens, as quais passam igualmente a integrar a polissemia provocada pela especularidade.

Assim, no seu texto, Adilma Nunes Rocha aborda o processo de tradução intersemiótica e cultural da obra *A megera domada* (1594), de Shakespeare para a telenovela brasileira *O cravo e a rosa* (2000), de Walcyr Carrasco, indicando a literatura em abismo como ato criativo da tradução intersemiótica da literatura para a telenovela, produto artístico da indústria cultural.

Já no artigo de Augusto dos Santos Evangelista, dedicado à obra de Clarice Lispector, a *mise en abyme* constitui-se como uma espécie de resumo intratextual ou repetição interna, de modo a demarcar a presença de encadeamentos significativos ou jogo de espelhos nas narrativas. Assim, o texto busca discutir os *leitmotifs* que se espelham e atravessam três narrativas claricianas: *O lustre* (1946), *A paixão segundo G.H.* (1964) e *A hora da estrela* (1977). De certa forma, o artigo demonstra o percurso de escrita moderna da escritora e a manipulação artística presente nos três romances mencionados.

Clarice Lispector também comparece no artigo de Raquel Oguri. Ao analisar *A cidade sitiada* (1949), terceiro romance da escritora, Oguri observa a construção da personagem Lucrecia Neves por meio de uma série de espelhamentos, duplicações e vertigens, permitindo distinguir possibilidades de um mundo *en abyme*, sustentado sobretudo por múltiplos jogos de espelhos e duplos dentro da obra.

De Clarice passamos a Lygia Fagundes Telles. Nesse artigo, Jamilly Bianca de Sá dos Santos e Suzi Frankl Sperber procuram mapear a presença da *mise en abyme* no romance *As horas nuas* (1989), de Lygia Fagundes Telles, mais especificamente nos capítulos narrados pela atriz Rosa Ambrósio. Para tanto, o texto busca demonstrar a presença da especularidade na estrutura do livro de Telles, na medida em que o título *As horas nuas* remete vertiginosamente ao livro de memórias escrito por Rosa Ambrósio dentro da própria narrativa. Além disso, o texto enfoca o aspecto duplo na formulação do romance e da construção da linguagem, evidenciando como Telles forja ao mesmo tempo uma linguagem que se molda à narrativa e uma narrativa que se molda à linguagem.

Finalmente, apoiado em formulações bakhtinianas, o artigo de Suely Corvacho examina um dos aspectos da *mise en abyme* em *Angústia* (1936), terceiro romance de Graciliano Ramos. De acordo com a autora, o abismo da enunciação construído a partir da inter-relação entre autor, herói e leitor compõe um interessante jogo de vozes, produzindo vários efeitos: anular a antítese interior e exterior da obra, borrar os limites entre o passado e o presente, a fantasia e a realidade, entre outros. O objetivo é lançar o leitor numa atmosfera sombria e angustiante, levando-o a se aproximar da desorientação do protagonista e narrador Luís da Silva nos capítulos finais da obra.

Em linhas gerais, cada prática da *mise en abyme* tem, nos textos aqui abordados, um valor e beleza próprios. Os ensaístas reunidos neste volume buscam propor outros olhares sobre o assunto, sem perder de vista seu aspecto discursivo e suas especificidades. A produção deste dossiê significa o desafio de pensar a *mise en abyme* como parte integrante e decisiva da obra literária e do diálogo

desta com outras artes. Com base nessa observação, cabe à crítica identificar e especificar os fenômenos que estão na origem dessas particularidades.

Diante disso, a pergunta que intitula a apresentação desse dossiê, “a que será que se destina?” irrompe, pois, da força de uma inquietação crítica: longe de pretendermos uma definição totalizante na direção da “sina” do conceito de *mise en abyme*, buscamos aqui abrir fendas, questionar, destecer caminhos.

Profa. Dra. Mariângela Alonso (UFABC)

FALAS BREVES